

volume

30/2

jul/2025

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História e Literatura: diálogos e reflexões

*Esta é a primeira de uma série de primeiras de doc-
especialidades em doc- especialidades em doc-
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sados e banquetes. E' agados e banquetes. E' a
única depositaria da afanica depositaria da afanica
munda Guarana Espumamunda Guarana Espumamunda
te e do excelente chocolate e do excelente chocolate
lato Lacta, fabricados emlato Lacta, fabricados em
S. Paulo pelos Srs. ZúS. Paulo pelos Srs. Zú
notta Leonardo & Cinotta Leonardo & Cinotta
A Confeitaria Brasil foi Confeitaria Brasil foi*



Hist. Rev. Pelotas Número 30/2 p.1-148 jul. 2025

ISSN 2596-2876





Obra publicada pela
Universidade Federal de
Pelotas

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Coordenação de Assuntos Estratégicos: *Marco Aurélio Romeu Fernandes*

Coordenação de Assuntos Institucionais: *Daniel Bruno Momoli*

Assessores do Gabinete da Vice-Reitoria: *Gustavo Dias Ferreira, Jocasta Soares dos Santos*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Planejamento e Administração: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ulrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Claudia Daiane Garcia Molet*

Superintendência de Gestão de Tecnologia da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Avila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinicius Farias Campos*

Superintendência do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendência de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Editora UFPel – Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências

Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR)*

Representantes da Área das Ciências

Exatas e da Terra: *Eder João*

Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos

Representantes da Área das Ciências

Biológicas: *Rosângela Ferreira*

Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das

Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega*

Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho

Representantes da Área das Ciências da

Saúde: *Fernanda Capella Rugno (TITULAR),*

Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso

Representantes da Área das Ciências

Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori*

Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências

Humanas: *Charles Pereira*

Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas

Representantes da Área das Linguagens e

Artes: *Chris de Azevedo*

Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e

Luís Fernando Hering Coelho

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da

UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Claudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP -
Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha
(UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal
de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)
Profa. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de
Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade
do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional
de La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Dra. Daniele Gallindo (UFPel); Dra.
Lua Gill da Cruz (PUC-RJ); Dra. Pilar Lago e Sousa
(UFG)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Canudos. Registro dos prisioneiros do
arraial, no interior da Bahia, em 1897. Foto: Flavio de
Barros/Museu da República.

Pareceristas ad hoc: Ana Rüsche (Unb); Camila Carvalho
(UFMG); Felipe Ribeiro (UFPE); Gabriel Fernandes de
Miranda (UEPA); João Ourique (UFPel); Letícia Cristina
Alcântara Rodrigues (UFG); Maria Carolina Casati
Digiampietri (Usp); Mauro Gabriel Moraes da Fonseca
(UFJF); Nima Spigolon (Unicamp); Paulo Possamai
(UFPel); Pedro Gabriel Torres de Assis (UFOP); Rodrigo
Águeda Bandeira Cardoso (UFF); Rodrigo de Freitas
Faqueri (IFSP); Stephen Basdeo (Elizabeth School of
London); Suzana Vasconcelos (Universität Tübingen);
Thiago Magela (UNEMAT); Valeria Ignácio (PUC-SP);
Vinicius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP); Virgínea
Novack Santos da Rocha (PUC-RS).

Editora e Gráfica Universitária

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2025/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre
Acesso | International Standard Serial Number |
Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-
770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História e
Literatura : Diálogos e Reflexões) / Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.2, jul. 2025. –
Pelotas: UFPel/NDH,
2025 –
148 p. ; 1,6 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Literatura 3. Fontes

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Daniele Gallindo</i> <i>Luiz Gill da Cruz</i> <i>Pilar Lago e Sousa</i>	07
CRÔNICAS MACHADIANAS: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS MACHADO DE ASSIS'S CHRONICLES: LITERARY CHRONICLES AS HISTORICAL SOURCES <i>Claudia Teixeira Façanha</i> <i>Lucia de Souza Teixeira Costa</i>	10
POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA POSSIBLE DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE <i>Derocina Alves Campos Sosa</i>	34
INTERSECÇÕES BRASIL-ÂNGOLA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE <i>SOMBRAS DE REIS BARBUDOS</i>, DE JOSÉ J. VEIGA, À LUZ DO CONTO "GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!", DE BOAVENTURA CARDOSO BRAZIL-ANGOLA INTERSECTIONS: AN ANALYSIS OF THE NOVEL <i>SOMBRAS DE REIS BARBUDOS</i> , BY JOSÉ J. VEIGA, IN LIGHT OF THE SHORT STORY "GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!", BY BOAVENTURA CARDOSO <i>Júlio César Kohler Damasceno Baron</i> <i>Rogério Max Canedo</i>	47
FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE NACIONAL EM <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i>, DE MOACYR SCLiar FIGURATION OF HISTORY AND NATIONAL IDENTITY IN <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i> , BY MOACYR SCLiar <i>Luiz Felipe Voss Spinelli</i>	62
ENTRE PÁGINAS E CICATRIZES: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM <i>O PESO DO PÁSSARO MORTO</i> E NO COTIDIANO BRASILEIRO BETWEEN PAGES AND SCARS: VIOLENCE AGAINST WOMEN IN <i>THE WEIGHT OF THE DEAD BIRD</i> AND IN EVERYDAY LIFE IN BRAZIL <i>Lucas Matheus Araujo Bicalho</i> <i>Luís Fernando de Souza Alves</i> <i>Mauricio Alves de Souza Pereira</i>	76
PRIVACIDADE EM PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO E AS CARTAS DE FRANCES BURNEY PRIVACY IN FEMALE WRITING PRACTICES IN 18TH-CENTURY ENGLAND: THE DIARY AND LETTERS OF FRANCES BURNEY <i>Maria Vitória Dias Collares</i> <i>Adriano Diniz Comissoli</i>	92

A CONSTRUÇÃO DO PIRATA DA ERA MODERNA: INTERAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, LITERATURA E O IMAGINÁRIO COLETIVO THE CONSTRUCTION OF THE MODERN ERA PIRATE: INTERACTIONS BETWEEN HISTORY, LITERATURE, AND THE COLLECTIVE IMAGINATION <i>Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira</i>	113
---	------------

MARGUERITE DURAS SOB O FEITIÇO DE JULES MICHELET: O PENSAMENTO DO HISTORIADOR NA POÉTICA DURASIANA MARGUERITE DURAS UNDER THE SPELL OF JULES MICHELET: THE HISTORIAN'S THOUGHT IN DURASIAN POETICS <i>Rafaela Faria Vianna</i>	132
--	------------

FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE NACIONAL EM *A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES*, DE MOACYR SCLiar

FIGURATION OF HISTORY AND NATIONAL IDENTITY IN *A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES*, BY MOACYR SCLiar

Luiz Felipe Voss Spinelli¹

Resumo: Este artigo analisa a interação entre história e literatura no romance *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), de Moacyr Scliar. A obra é examinada à luz da desconstrução e ressignificação da identidade nacional, tradicionalmente formulada pelos discursos oficiais da história e da literatura. A análise se apoia em conceitos teóricos como a metaficção historiográfica, proposta por Linda Hutcheon, e o estudo de Seymour Menton sobre o novo romance histórico latino-americano. O presente texto propõe que o romance de Scliar, ao articular ficção e História de modo crítico e irônico, indica uma reflexão sobre a formação identitária e a representação do passado.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea; Literatura do Rio Grande do Sul; Romance histórico; Metaficção historiográfica; Identidade nacional; Moacyr Scliar.

Abstract: This article analyzes the interaction between history and literature in the novel *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983) by Moacyr Scliar. The work is examined in light of the deconstruction and reinterpretation of national identity, traditionally formulated by the official discourses of history and literature. The analysis is based on theoretical concepts such as historiographic metafiction, proposed by Linda Hutcheon, and Seymour Menton's study of the new Latin American historical novel. This paper argues that Scliar's novel, by critically and ironically articulating fiction and History, offers a reflection on identity formation and the representation of the past.

Key-words: Contemporary Brazilian Literature; Literature of Rio Grande do Sul; Historical Novel; Historiographic Metafiction; National Identity; Moacyr Scliar.

Considerações iniciais

A literatura e a história, ao longo dos tempos, sempre trilharam caminhos de interação com maior ou menor grau. Neste trabalho serão discutidas algumas proximidades desses campos do conhecimento, por meio de uma reflexão sobre o diálogo entre a ficção e a história que ocorre em narrativas da literatura brasileira após os anos de 1970, em específico na obra *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), de Moacyr Scliar, aqui analisada como representante do novo romance histórico brasileiro.

Em *A estranha nação de Rafael Mendes*, Moacyr Scliar constrói uma narrativa que se inicia com o encontro, pelo protagonista Rafael Mendes, de uma misteriosa caixa deixada à sua porta. Dentro dela, entre objetos diversos, encontra-se um bilhete que o conduz aos cadernos genealógicos de sua família, repletos de relatos sobre as aventuras de seus antepassados. Essa caixa funciona como metáfora de um espaço de

simultaneidade, onde os elementos estão dispostos de maneira caótica, sem uma ordem hierárquica ou progressiva, em contraste com a lógica tradicional das genealogias, que procuram sistematizar a história familiar em diagramas cristalizados, como árvores genealógicas. A proposta de Scliar rompe com essa visão estática, ao propor uma narrativa em que passado e presente se entrelaçam de forma fluida.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: luizyoung@yahoo.com.br

A partir dessas considerações iniciais, o presente artigo propõe examinar de que maneira o romance *A estranha nação de Rafael Mendes* dialoga criticamente com a tradição do romance histórico, desconstruindo e ressignificando noções de identidade nacional e de narrativa histórica. Para isso, serão abordados conceitos como a metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon, e o novo romance histórico latino-americano, tal como definido por Seymour Menton. A análise buscará demonstrar como Scliar articula, criativamente, a construção do passado e da identidade, inserindo-se num contexto mais amplo de revisão dos discursos históricos oficiais.

É evidente que todo romance, por estar inserido no contexto de sua própria produção, é também resultado de um ato histórico, refletindo pelo menos, em algum grau, as estruturas ideológicas e o ambiente social de seu tempo. Nesse sentido, em *Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*, Frederic Jameson observa que “qualquer observação virtual sobre o presente pode ser mobilizada para se investigar o próprio presente, e pode ser utilizada como sintoma e índice da lógica mais profunda do pós-moderno” (JAMESON, 1996, p. 16). Ou seja, narrativas as narrativas literárias funcionam como expressões das tensões e inquietações do presente que as produz. Seymour Menton complementa a ideia ao afirmar que: “No sentido mais amplo, todo romance é histórico, pois, em maior ou menor grau, capta o ambiente social de seus personagens, mesmo dos mais introspectivos” (MENTON, 1993, p. 31-32, tradução minha). Nesse sentido, a noção de romance histórico adotada neste trabalho, vai além dessa concepção ampla, focando especificamente em obras que, como o romance de Scliar, estabelecem um diálogo explícito e crítico com os discursos da História, utilizando estratégias ficcionais para problematizar versões oficiais do passado.

O romance histórico tradicional remonta ao século XIX e ao Romantismo. De acordo com Lukács, em sua obra *O romance histórico* (2011), escrita entre 1936 e 1937 e publicada pela primeira vez em 1954, o romance histórico tem origem nas obras de Walter Scott, com uma forte marca épica. Surgido no contexto do Romantismo, esse tipo de romance contribuiu para a formação das identidades nacionais, desempenhando papel importante como forjador e legitimador dessas nacionalidades. No Brasil, isso também ocorreu, com destaque para o projeto de identidade nacional desenvolvido por meio de narrativas realizados por José de Alencar, em obras como *As minas de prata* (1862) e *A guerra dos mascates* (1873), além de outras tentativas de românticos como Bernardo Guimarães, em *Maurício ou Os paulistas em São João Del Rei* (1877), e Joaquim Manuel de Macedo, em *As mulheres de mantilha* (1870).

Assim, embora associado inicialmente ao projeto romântico, o romance histórico permaneceu como uma vertente relevante da literatura brasileira, atravessando diferentes períodos literários e movimentos estéticos. Mesmo quando a ênfase literária se deslocou para outros temas e formas, a recriação do passado continuou a interessar os escritores, servindo ora como cenário para reflexões críticas sobre o presente, ora como instrumento de resgate e problematização da memória coletiva. No início do século XX, durante o regionalismo modernista, surgiram obras que,

embora não fossem romances históricos no sentido clássico², dialogavam com a história ao retratar a formação social de diferentes regiões, como *O tempo e o vento* (1949–1962), de Erico Verissimo, que revisita a história do sul do Brasil em chave épica e crítica.

No entanto, enquanto obras como *O tempo e o vento* dialogam com a história sem assumirem plenamente os contornos do romance histórico clássico, é a partir da década de 1970 que o romance histórico brasileiro passa por uma transformação significativa. Influenciados pelo novo romance histórico latino-americano e pelas teorias pós-modernas, escritores como Ana Miranda (*Boca do Inferno*, 1989), Luiz Antonio de Assis Brasil (*Um quarto de légua em quadro*, 1976) e Márcio Souza (*Galvez, imperador do Acre*, 1976), por exemplo, incorporaram procedimentos de ironia, metaficção e questionamento das versões oficiais da história. Nesse novo contexto, a história deixa de ser um pano de fundo verossímil e torna-se objeto de crítica, desconstrução e reinvenção literária. Desse modo, a partir dos anos 1970, consolida-se no Brasil uma nova forma de romance histórico, em que a problematização da memória e da identidade nacional ocupa o centro da cena narrativa, prolongando-se nas obras da literatura contemporânea.

Voltando à Lukács, o historiador e crítico literário húngaro entende o romance histórico como um gênero bem definido, que para ele possuía as seguintes características essenciais:

- a) o romance histórico autêntico — seguindo o modelo de Walter Scott — narra a história como crise, penetrando na essência da época, ao refletir as forças sociais em disputa e traçar um amplo painel histórico;
- b) há um respeito pela temporalidade cronológica, como ocorre nos textos historiográficos;
- c) os personagens são construídos como tipos histórico-sociais fictícios, e são utilizados para empreender a análise dos acontecimentos históricos — o herói surge a partir da crise, como produto dela;
- d) as personalidades históricas são secundárias, compondo o pano de fundo da narrativa, mas sem serem protagonistas;
- e) os dados históricos funcionam como estratégia discursiva para conferir verossimilhança ao que é narrado, sendo a fidelidade histórica um fator relevante;
- f) o narrador adota majoritariamente a terceira pessoa, simulando imparcialidade e distanciamento, como no discurso tradicional da história.

Seymour Menton, em *La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992*, realiza um estudo abrangente sobre o romance histórico no continente, discutindo o trabalho de Lukács e de outros teóricos, como David Cowart e Joseph W. Turner. Ao longo do livro, Menton propõe uma distinção fundamental entre o romance histórico tradicional e o chamado novo romance histórico latino-americano. Ele adota, como ponto de partida, a definição mais ampla proposta por Anderson

² No presente texto, entende-se por “romance histórico no sentido clássico” o modelo consolidado no século XIX, especialmente a partir da obra de Walter Scott, no qual há um esforço deliberado de reconstrução verossímil do passado, com ambientação precisa, personagens ficcionais que interagem com figuras históricas reais e um enredo que se desenvolve em consonância com eventos históricos bem documentados.

Imbert: “Chamamos de “romances históricos” aqueles que contam uma ação ocorrida em uma época anterior à do romancista”³ (MENTON, 1993, p. 33, tradução minha). Ou seja, para ele, romance histórico é aquele em que a ação se passa totalmente ou predominantemente no passado — e um passado não vivido pessoalmente pelo autor. A partir dessa definição inicial, Menton delimita os elementos inovadores do novo romance histórico latino-americano, destacando sua natureza metalinguística, o uso frequente da paródia e da ironia, e o questionamento sistemático das versões canônicas da história. Essa abordagem marca um afastamento da tentativa de reconstrução objetiva do passado, típica do romance histórico clássico, e aproxima o gênero de uma postura pós-moderna, em que a própria noção de verdade histórica é posta em xeque.

Assim, no século XX, o romance histórico passa por modificações que resultam no que Menton denomina novo romance histórico. Para ele, o marco inicial desse tipo de romance é *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier (1949), obra que aborda a luta pela independência do Haiti, do século XVIII ao XIX, em que todos os personagens, com exceção de Ti Noel, são figuras históricas — ainda que nem todos sejam ilustres na história oficial.

Segundo Menton, o novo romance histórico apresenta seis características que o diferenciam do romance histórico tradicional:

- a) a apresentação de ideias filosóficas, em lugar da simples representação mimética de determinados períodos históricos, reconhecendo a impossibilidade de captar plenamente a verdade histórica ou a realidade;
- b) a distorção consciente da história, mediante omissões, exageros e anacronismos;
- c) a ficcionalização de personagens históricos;
- d) a metaficção, ou os comentários do narrador sobre o próprio processo de criação da narrativa;
- e) a intertextualidade, com a absorção e transformação de outros textos literários, como ocorre, por exemplo, nos personagens de Carpentier, Fuentes e Cortázar em *Cem anos de solidão*, de García Márquez;
- f) o emprego de conceitos bakhtinianos como dialogismo, carnavalização, paródia e heteroglossia.

Além dessas seis características, o novo romance histórico distingue-se ainda pela sua maior variedade interna, permitindo a coexistência de obras com elevado rigor histórico e de outras em que os autores assumem maior liberdade criativa. *A estranha nação de Rafael Mendes* se enquadra nesta segunda vertente, alternando livremente entre diferentes períodos históricos e o contemporâneo.

Em vista dessas transformações, torna-se necessário analisar como essas mudanças na concepção do romance histórico reverberam na literatura brasileira contemporânea, sobretudo após os anos de 1970. O surgimento de narrativas que assumem a fabulação como estratégia consciente de reinterpretação da história revela um novo modo de pensar o passado e suas

³ “Llamamos ‘novelas históricas’ a las que cuentan una acción ocurrida em una época anterior a la del novelista”.

implicações na construção das identidades culturais e nacionais. É nesse contexto que se insere *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, cuja análise permitirá compreender de que maneira o novo romance histórico articula a memória coletiva, a ironia e a invenção como ferramentas para repensar a história oficial.

***A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, e o novo romance histórico latino-americano:**

Entre os romances brasileiros que incorporam as transformações do novo romance histórico, *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, destaca-se como um exemplo particularmente expressivo. A obra reúne as principais características delineadas por Seymour Menton para essa nova forma de abordagem histórica na literatura. A impossibilidade de apreensão de uma verdade histórica objetiva torna-se, na obra de Scliar, uma marca central da narrativa: ao longo do romance, o passado da família de Rafael Mendes é continuamente recontado e reinventado, de forma fabulada, por meio dos cadernos genealógicos que o protagonista descobre. Esses relatos alternam versões e misturam personagens históricos com acontecimentos fictícios, criando uma narrativa instável e simbólica que inscreve os judeus na formação da identidade nacional brasileira. Scliar adota, assim, um olhar irônico e paródico sobre a história brasileira, colocando em cena personagens históricos e eventos inusitados que desafiam a linearidade e a factualidade do relato histórico tradicional.

Essa estratégia de distorção consciente da história — uma das características apontadas por Menton — aparece, por exemplo, na comicidade de episódios como a invenção do futebol⁴ por um dos Mendes, episódio em que, ao mesmo tempo que desconstroem mitos de origem, revela o processo arbitrário de construção das memórias nacionais:

Por outro lado, sabendo que a atrofia dos músculos precede a decadência moral, eles não deixam de praticar exercícios físicos. Com trapos, confeccionam uma bola; no acanhado espaço da masmorra — dois por dois — disputam um jogo: a um cabe tentar fazer bater a bola na parede, o outro deve impedi-lo. A isto, Rafael deu o nome de ludopedio. Chutam furiosamente durante meia hora, uma hora, diante do olhar divertido dos guardas: são uns animais estranhos, estes judeus, dizem. Terminado o jogo sentam-se, exaustos (SCLIAR, 1983, ps. 116-117).

O humor e o exagero funcionam, assim, como instrumentos críticos que expõem as inconsistências da narrativa histórica oficial, desestabilizando certezas e abrindo espaço para a reflexão sobre os mecanismos de formação da identidade nacional. Ao alternar entre diferentes períodos históricos e o tempo contemporâneo, Scliar constrói uma narrativa que, mais do que reconstituir um passado perdido, interroga as formas pelas quais a história é representada,

⁴ No romance, referido como *ludopédio*.

manipulada e apropriada.

Além da distorção irônica de eventos históricos e da crítica à construção da memória nacional, *A estranha nação de Rafael Mendes* também se destaca pelo uso consciente de procedimentos narrativos metalinguísticos e intertextuais que ampliam sua dimensão reflexiva. Nesse sentido, a autorreflexividade é outra característica importante explorada por Scliar, especialmente por meio dos cadernos genealógicos, nos quais se reflete sobre a própria escrita da história. Soma-se a isso a intertextualidade, evidente na utilização de personagens bíblicos e históricos, bem como os conceitos bakhtinianos, trabalhados sobretudo por meio da ironia — presente nas diversas paródias da narrativa — e da forma carnavalizada do texto, que incorpora diferentes registros discursivos. Essas estratégias aparecem, por exemplo, na estrutura de lendas pós-bíblicas no início do primeiro caderno genealógico, no tom memorialístico do segundo caderno e na carta de Débora para Rafael Mendes, entre outros momentos da narrativa.

A carnavaização também se manifesta na forte presença do jogo na narrativa, um elemento que iguala os homens ao abolir as hierarquias diante do imponderável da sorte. Ao longo do romance, diversas passagens mostram como o futuro de um Mendes é decidido por meio da sorte em algum tipo de jogo, como se observa no episódio a seguir:

Em janeiro de 1492, o jovem Rafael Mendes foge de casa. Viajando de noite, ocultando-se de dia ele chega a Castela, e vai encontrar Colombo no mosteiro de La Rábida. Momento emocionante: Rafael, em lágrimas, implora ao genovês que o leve consigo. Colombo hesita. Já contratou todos os homens para a expedição, inclusive um cartógrafo, pois não tivera mais notícias de Rafael Mendes. Além disto, sabe da opinião do pai do rapaz à viagem, não quer confusões. Por fim, faz uma proposta a Rafael: que decidam no tabuleiro se ele vai ou não (SCLIAR, 1983, p. 114).

O jogo também se associa ao sentimento de errância, característica histórica do povo judeu, marcado pela experiência da diáspora. Acresce, ainda, a ironia de que o último dos Mendes venha a ganhar a vida no jogo financeiro.

Apesar de reunir diversas características do novo romance histórico, é importante observar que a obra de Scliar não se enquadra perfeitamente na definição proposta por Menton, especialmente devido à proximidade entre o tempo da narrativa e o tempo da narração e ao fato de o autor ter vivenciado parte do período retratado⁵.

Segundo Menton, um dos fatores que explicam a ampla difusão e o domínio do novo romance histórico latino-americano — com representantes de quase todos os países da região, como Alejo Carpentier, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Silviano Santiago, Reinaldo Arenas, entre outros — foi a aproximação das comemorações dos quinhentos anos do "descobrimento"

⁵ O próprio Menton reconhece a dificuldade de categorizar a obra de Scliar: "Em outros casos, a importância relativa das investigações é mais problemática, como em (...) *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), do brasileiro Moacyr Scliar" (MENTON, 1993, p. 35, tradução minha).

da América. Assim, não é por acaso que Cristóvão Colombo aparece recorrentemente como personagem nessas narrativas. Menton enumera diversas obras do novo romance histórico latino-americano em que Colombo surge como protagonista ou personagem secundário, como *El arpa y la sombra* (1979), *El mar de las lentejas* (1979), *El otoño del patriarca* (1975), *Terra Nostra* (1975), *Los perros del Paraíso* (1983), entre outras. Em *A estranha nação de Rafael Mendes*, não é diferente: Colombo também figura como personagem histórica no romance, como se vê na fala em que orienta o protagonista: “Pois então não estás habituado a viver, disse Colombo; na vida, caro Rafael, como nos negócios e na navegação, é preciso correr riscos” (SCLIAR, 1983, p. 112).

Menton, contudo, não restringe a importância dos quinhentos anos do descobrimento da América, para o novo romance histórico, apenas à figura de Colombo. Para ele, o domínio do gênero nesse período pode indicar “tanto uma maior consciência dos laços históricos compartilhados pelos países da região como um questionamento da história oficial” (MENTON, 1993, p. 49). Assim, no final do século XX, esse novo romance histórico latino-americano também se consolida no Brasil, especialmente em obras publicadas a partir da década de 1970, como *Galvez, Imperador do Acre* (1975), de Márcio Souza, *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago, *A cidade dos padres* (1986), de Deonísio da Silva, *Videiras de cristal* (1990), de Luiz Antonio de Assis Brasil, além de *A última quimera* (1995) e *Desmundo* (1996), entre outras, de Ana Miranda.

A obra selecionada para análise neste trabalho, o romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, insere-se nesse contexto. Publicada na década de 1980, ela já traz a perspectiva do novo romance histórico latino-americano, além de dialogar com aquilo que Linda Hutcheon denominou de metaficção historiográfica, em *A Poética do Pós-Modernismo* (1991). A associação entre a metaficção historiográfica e o novo romance histórico latino-americano é inevitável, sobretudo porque ambos propõem uma releitura crítica dos conteúdos do passado, entre outras peculiaridades.

Articulações entre história e ficção em *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar:

Além das discussões sobre o gênero, é fundamental examinar a maneira como a história e a ficção se articulam no romance de Scliar, buscando identificar em que medida se dá a desconstrução e a subversão da identidade nacional veiculada pelo discurso oficial da história e da literatura. Linda Hutcheon, em sua poética do pós-modernismo, parte da ideia de que as normas estéticas predominantes, principalmente no modernismo, são absorvidas e ressignificadas no pós-modernismo, sendo subvertidas pela ironia em uma reelaboração crítica. Para ela, “o que caracteriza o pós-modernismo na ficção seria aquilo que aqui chamo de metaficção historiográfica” (HUTCHEON, 1991, p. 11).

Ainda segundo Hutcheon, a metaficção historiográfica reforça a relação entre releitura, ficção e história, sendo definida como: “romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente autorreflexivos e, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p. 21). Nesse sentido, considerando essa definição,

A estranha nação de Rafael Mendes se enquadra perfeitamente. Trata-se de um romance essencialmente autorreflexivo, no qual Moacyr Scliar utiliza a genealogia como estratégia de encenação biográfica, articulando recursos narrativos próprios da literatura e da história, e empregando a ironia como instrumento para parodiar a história oficial e ficcionalizar personagens factuais.

A genealogia, tradicionalmente voltada à busca da verdade sobre as origens de um indivíduo ou família por meio de procedimentos científicos, tem essa pretensão de verdade relativizada pela linguagem, suporte material precário das referências. No romance *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, essa problematização é evidenciada quando Rafael Mendes recebe uma caixa contendo um bilhete que o conduz a dois cadernos supostamente deixados por seu pai: *Histórias Genealógicas* e *Segundo Caderno do Cristão-Novo*. O primeiro reúne narrativas sobre possíveis antepassados, enquanto o segundo, escrito em primeira pessoa, apresenta um relato biográfico do próprio pai. Esses documentos alteram radicalmente a vida de Rafael. Por meio deles, ele descobre que seria descendente do profeta Jonas, de Maimônides e de um ancestral que teria assumido o nome de Rafael Mendes como subterfúgio para enganar a Inquisição. Nesse processo, história e ficção se entrelaçam, de modo que o fazer literário e o discurso histórico se confundem, situando a obra como uma metaficção historiográfica a partir do formulado por Linda Hutcheon, ao conciliar autorreflexividade e apropriação de personagens e fatos históricos.

Na dissertação *Genealogia literária em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*, Glauber Pereira Quintão propõe o conceito de "genealogia literária", retomando o saber bíblico da representação arbórea das famílias. Para Quintão, a genealogia ficcional construída na narrativa de Scliar desconstrói o modelo tradicional, apresentando-se como "monstruosa" e eminentemente literária. Scliar, ao misturar personagens históricos e ficcionais, cria um labirinto narrativo que, segundo Quintão, atua como:

[...] estratégia para fazer perder-se o viajante nas páginas da narrativa. Perda essa que se assemelha às inumeráveis entradas do labirinto, possíveis leituras, que acabam por adiar, inexoravelmente, a origem ou o centro, a verdade e a perenidade para sempre perdida na escritura (QUINTÃO, 2011, p. 16-17).

Nesse sentido, o acesso ao passado se dá apenas pela mediação textual, com todas as limitações impostas pela linguagem. A escrita da história, portanto, é sempre discursiva, e não uma representação fiel da realidade. Linda Hutcheon corrobora essa perspectiva ao afirmar que "a interação do historiográfico com o metaficcional coloca igualmente em evidência a rejeição das pretensões de representação 'autêntica' e cópia 'inautêntica'" (HUTCHEON, 1991, p. 146-147). Para a autora, "a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou reapresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico" (HUTCHEON, 1991, p. 147). Ou seja, a metaficção historiográfica volta-se para a reescritura da história não como busca de uma verdade absoluta, mas como problematização das narrativas consolidadas, movimento que Scliar encena em seu romance e que Quintão interpreta ao afirmar:

O legado deixado pelo pai eivado de dúvidas e problemas é forjado pela genealogia literária, composta de narrativas, reencenações, citações, que recuperam e deslocam as narrativas da tradição, propondo soluções imaginárias, que, por isso mesmo, engendram novos problemas, não soluções definitivas (QUINTÃO, 2011, p. 131).

A partir dessa lógica, Hutcheon ressalta que tal processo reafirma a especificidade e a particularidade do passado individual, ao mesmo tempo em que limita a possibilidade de um conhecimento totalizador, pois todo relato histórico é filtrado por um ponto de vista particular: somos simultaneamente atores e espectadores da história.

A genealogia construída por Scliar, segundo Quintão, não reproduz a linearidade tradicional do labirinto clássico. Em diálogo com Umberto Eco, Quintão aproxima essa estrutura de um rizoma, ainda que o romance *A estranha nação de Rafael Mendes* não se configure plenamente como tal. Por isso, defende o conceito de "genealogia literária" e não de "rizoma literário", argumentando que: "é possível dizer que o rizoma seria propositivo, estruturando-se por um novo modo ou modelo, e a genealogia literária seria contestatória e desconstrutora, produzindo, ao fim, por assim dizer, um efeito de rizoma" (QUINTÃO, 2011, p. 18).

A imagem do labirinto rizomático remete também ao jogo de espelhos que envolve a figura do narrador em *A estranha nação de Rafael Mendes*. O romance mobiliza o que Oscar Tacca denomina de "visão estereoscópica", conceito formulado em *As vozes do romance* (1983). Trata-se de uma posição narrativa que combina a onisciência tradicional com a perspectiva subjetiva e autêntica das personagens. Tacca explica que: "O processo combina a afirmação de onisciência com a visão não convencional, mas autêntica, natural e subjectiva de cada personagem" (TACCA, 1983, p. 90). A característica central da visão estereoscópica é a ubiquidade, definição que descreve de maneira precisa o narrador de Scliar, que observa, organiza e distribui as informações ao leitor, manejando o tempo presente do romance com consciência e intencionalidade.

A visão onisciente do narrador implica um acesso irrestrito à trama, incluindo as consciências das personagens. Já a visão estereoscópica, embora não se baseie na capacidade de saber tudo, permite a penetração na história a partir do que é compartilhado pelo narrador, seja por pensamentos, seja por falas das personagens, possibilitando ao leitor experimentar a história por meio de seus fragmentos. Essa multiplicidade de enfoques, contudo, intensifica a problematização da questão da verdade narrativa, ao valorizar diferentes formas de percepção de um fato, em detrimento do próprio fato.

Há ainda a presença de dois outros narradores: o dos cadernos genealógicos e o dos capítulos "O Velho no Aeroporto" e "Terceiro e Último Caderno do Cristão-novo". Ambos subordinam-se ao narrador principal, que organiza a narrativa. A alternância entre esses narradores caracteriza a estrutura em abismo do romance, configurando uma história dentro da história e uma narração secundária que se desenvolve a partir da ficção original, reforçando o caráter reflexivo da obra de Scliar.

No que se refere à relação entre ficção e história, enquanto para Lukács o romance histórico encenava o processo histórico mediante a apresentação de um microcosmo, no qual um tipo sintetizaria o geral e o particular, Linda Hutcheon propõe outra abordagem. Para ela, os protagonistas da metaficção historiográfica seriam tudo, exceto tipos: seriam ex-cêntricos, marginalizados e periféricos, representando a pluralidade e a diferença típicas da pós-modernidade. Em *A estranha nação de Rafael Mendes*, o protagonista não se configura como tipo e tampouco se encontra, inicialmente, em situação de marginalidade, pois é apresentado como um empresário aparentemente bem-sucedido. Contudo, a redescoberta de suas raízes judaicas, por meio do histórico familiar, reintroduz a condição de marginal, ainda que esse resgate se dê através de documentos de veracidade duvidosa, como os cadernos genealógicos. Apesar das possíveis fraudes, todos esses elementos referem-se a Rafael Mendes e à sua nação, mesmo considerando que, nas últimas gerações, a família tenha se integrado ao contexto brasileiro.

Ainda no diálogo com Lukács, enquanto no romance histórico seria imprescindível uma situação concreta de fundo histórico, Hutcheon contrapõe que “a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e mentiras do registro histórico” (HUTCHEON, 1991, p. 152), incorporando detalhes e dados não como representação fidedigna do passado, mas como elementos textualizados no presente. Nesse aspecto, *A estranha nação de Rafael Mendes* filia-se claramente à metaficção historiográfica, recuperando o passado por meio dos cadernos genealógicos — ainda que fraudulentos — e utilizando dados técnicos, como os *Annales de l'Académie de Médecine* (1898) e um editorial do *Journal of Tropical Diseases* (1912) (SCLiar, 1985, p. 221), para conferir verossimilhança à ficção.

Fabulação e identidade nacional em *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar:

Se o romance histórico, em seu início, contribuiu para a formação das identidades nacionais — sendo a visão romântica consagrada como versão oficial das origens —, a metaficção historiográfica permite remodelar esse passado. Assim, Scliar propõe novas formas ao modelo consolidado da identidade brasileira, centrado na mestiçagem e no mito das três raças (índigena, branca-portuguesa e negra). Em *A estranha nação de Rafael Mendes*, ele subverte a história ao vincular a identidade judaica à identidade nacional brasileira, não marginalizando o judeu, mas incorporando sua presença como originária.

Leopoldo de Oliveira, Professor Doutor de Língua e Literatura Hebraicas da UFRJ, analisa essa questão no ensaio *A estranha nação de Rafael Mendes: ficção, história e reinvenção identitária da história*, no qual afirma:

Se a tendência era a de o indivíduo se tornar cada vez mais “brasileiro” e menos “judeu”, talvez a solução literária encontrada por Scliar em *A Estranha Nação* tenha sido a de examinar ficcionalmente o que haveria de judaico na formação étnica e cultural do brasileiro, resgatando por uma via oblíqua a desvanecente identidade judia com a configuração de um caso de “coincidência de identidades”, e não de assimilação e

desaparecimento. Como a cultura e a identidade ashkenazitas em nosso país não têm maiores e visíveis influências na “cultura nacional”, o caminho encontrado foi o de, à moda da ideologia romântica, um retorno às raízes, elegendo para tal o gancho da “presença fundadora” do cristão-novo entre nós (OLIVEIRA, 2010, p. 38-39).

Dessa forma, ocorre uma recuperação da identidade judaica mediante a ficcionalização da história e a subversão da identidade nacional estabelecida. A escrita historiográfica também é problematizada — o genealogista, figurado como historiador no romance, torna-se uma metáfora da impostura da narrativa histórica, dialogando com a ironia da paródia pós-moderna. Como aponta Oliveira em outro estudo:

Scliar ficcionaliza imaginosa e humoradamente o papel e contribuição de judeus, cripto-judeus, marranos e cristãos novos na história do Brasil, desde o descobrimento, passando pela Inconfidência Mineira, pelo episódio de Palmares, até desaguar nos escândalos de corrupção política e econômica da ditadura militar dos anos de 1970 e 1980 (OLIVEIRA, 2008, p. 7).

Scliar, portanto, utiliza o judaísmo como elemento inaugural da afirmação nacional, apoiando-se na origem diaspórica do grupo etno-religioso. Para tanto, o autor recorre a diversos momentos históricos, narrando a saga dos Mendes desde o período bíblico até a década de 1970, em Porto Alegre. O presente da narrativa é demarcado no primeiro capítulo, quando o genealogista narra em primeira pessoa: “Que horas são? Que dia é hoje? Seis horas e cinquenta minutos – do dia 17 de novembro de 1975” (SCLIAR, 1983, p. 10). O desenvolvimento da narrativa ocorre em poucos dias, entre a agonia e a morte do general Francisco Franco, registrada no desfecho do romance, cuja morte efetiva ocorreu em 20 de novembro de 1975. Franco, conhecido por seu antissemitismo e por representar a extrema-direita fascista, torna-se, no romance, símbolo do fim de uma era de perseguições aos judeus. A morte do ditador, vinculada à memória do pai de Rafael Mendes, representa também a assimilação final da identidade judaica pelo protagonista, funcionando como metonímia para a narrativa como um todo.

Nos cadernos supostamente deixados pelo pai de Rafael Mendes — *Histórias Genealógicas* — surgem personagens históricos e lendários, como Jonas, Cristóvão Colombo, Tiradentes e Garibaldi. Já no *Segundo Caderno do Novo-Cristão*, o contexto histórico é o Brasil de Getúlio Vargas, constantemente referido. Assim, o romance, ao construir factualmente o passado através da ficção, segue o mesmo princípio dos documentos históricos: apresentar uma versão particular dos eventos. Como assinala Oliveira:

Os documentos históricos não nos dizem total e fidedignamente de como se deu tal ou qual acontecimento, apenas nos apresentam uma versão particular dos mesmos. Neste sentido, o *A Estranha Nação* tenciona ser apenas mais uma destas versões, seja ficcionalizando ludicamente o “lado oculto” do grande fato, como a sugestão de que o

futebol, a televisão e o avião tenham sido primeiramente concebidos por judeus e marranos; seja emprestando veracidade a ocorrências não comprovadas pela pesquisa histórica contemporânea, como a ascendência e/ou identidade judaica de grandes vultos de nossa história (o bandeirante Raposo Tavares, o insurrecto maranhense Beckman) (OLIVEIRA, 2010, p. 46).

Esse tom lúdico de reconstrução do passado, sem compromisso com a *verdade histórica* e com características do maravilhoso e do fantástico, instiga a dúvida no leitor sobre o que é narrado. Tal efeito é reforçado pela estrutura em abismo, que apresenta os cadernos genealógicos como documentos possivelmente fantasiosos ou fraudulentos, reafirmando o caráter irônico da obra e filiando-a ao pós-modernismo e à metaficção historiográfica. Por conta de todas essas possibilidades ficcionalizadas no romance de Scliar, Quintão percebe a narrativa como uma obra aberta:

O romance, dessa forma, como obra aberta que é, propõe caminhos, verdades, identidades, todas cambiantes. O texto fluido de Moacyr Scliar, portanto, neste romance, faz deslizar as certezas e desdobrar quaisquer respostas definitivas para a memória e para a identidade (QUINTÃO, 2011, p. 131).

E na conclusão, também há uma proposta aberta de identidade e memória, em que o “menino de roupinha de marinheiro” (SCLIAR, 1985, p. 287) pode ser lido de duas maneiras: como um novo Rafael Mendes, modificado, livre do peso da tradição, pronto para seguir a vida, ou como um novo Rafael Mendes dando sequência à família, um filho de Suzana e Boris Goldbaum, embalado como anseio pelo futuro pelo Rafael Mendes protagonista, agora transformado pela herança recebida do pai, finalmente depreendida, com o saber de que o passado também é possível de ressignificação — no que Quintão corrobora:

O conceito de genealogia literária está intimamente ligado à valorização da imaginação e da fantasia, como criadora dessa força de esperança, como possibilidade de futuro, inclusive, porque também é possível engendrar um passado, o que prova sua possibilidade de existência real, numa fórmula: se houve, poder-se-ia dizer, haverá, outra vez (QUINTÃO, 2011, p. 121).

Assim, *A estranha nação de Rafael Mendes* termina não com uma resolução definitiva, mas com uma continuidade de perguntas e possibilidades sobre identidade e memória. O romance se constrói como um espaço de múltiplas interpretações, no qual o passado é simultaneamente ressignificado e reinventado. A imagem do “menino de roupinha de marinheiro” — ora sinalizando um Rafael Mendes libertado das amarras do passado, ora indicando a perpetuação de uma linhagem familiar e cultural — exemplifica essa ambiguidade. Em última análise, Moacyr Scliar sugere que a identidade não é uma construção fechada, mas um processo dinâmico, que, embora influenciado

pela história, é também moldado pela capacidade de imaginá-la e transformá-la. A ficção historiográfica, ao explorar essas fronteiras fluidas entre realidade e invenção, não apenas revela, mas também reconfigura a história e a identidade, oferecendo ao leitor uma visão mais aberta e complexa daquilo que nos constitui.

Considerações finais:

Mais do que um romance sobre história e passado, *A Estranha Nação de Rafael Mendes* projeta um olhar para o futuro. Moacyr Scliar encerra sua narrativa com um protagonista que repensa sua identidade, incorporando o judaísmo como parte vital de sua nova constituição subjetiva. Essa renovação individual também se articula com a renovação da identidade nacional, indicando que ambas as dimensões – a pessoal e a coletiva – são dinâmicas, abertas a novas interpretações e ressignificações.

Nesse processo, a obra enfatiza que o passado não é um bloco monolítico ou um repositório fixo de fatos, mas um campo em disputa, passível de revisões e novos significados. Ao fazer isso, Scliar dialoga com uma visão crítica da história, na qual a memória e a identidade são constantemente reescritas a partir das necessidades e tensões do presente. Essa abordagem coloca o romance em sintonia com os pressupostos da metaficção historiográfica, que desestabiliza as narrativas históricas tradicionais e questiona a própria possibilidade de uma representação objetiva do passado.

Nesse sentido, Rafael Mendes, protagonista da obra, pode ser comparado a uma versão literária de Forrest Gump, mas voltado para o contexto do judaísmo no Brasil. Tal como o personagem do cinema, que presencia e se envolve em grandes acontecimentos históricos sem ser um agente ativo na construção desses momentos, Rafael transita por diferentes episódios e momentos históricos, mas sempre com um olhar pessoal, que lhe permite refletir e reconfigurar sua identidade. Ele se torna, assim, uma figura simbólica da história brasileira, incorporando aspectos do judaísmo como uma maneira de refletir sobre as multiplicidades de influências que formam a nação.

Mais do que um personagem moldado pelos acontecimentos, Rafael Mendes é, assim, um anti-herói da história brasileira, cujo destino parece, ao mesmo tempo, ser influenciado por esses eventos e, ao mesmo tempo, reconfigurá-los em uma perspectiva mais plural e inclusiva. Sua trajetória no romance brinca com a literatura e a história, construindo uma identidade nacional mais complexa e diversa, onde o passado não é apenas um eco do que já foi, mas uma possibilidade de reinterpretação e reinvenção constante.

A estranha nação de Rafael Mendes, portanto, se insere no novo paradigma do romance histórico brasileiro, que emerge nas últimas décadas do século XX. Essa tendência literária privilegia a revisitação da história oficial sob uma ótica crítica, muitas vezes irônica, e lança mão da ficção para preencher lacunas, dar voz a personagens marginalizados ou problematizar versões dominantes da história. Scliar, ao lado de autores como Luiz Antônio de Assis Brasil, Ana Miranda, Bernardo

Carvalho e Sérgio Faraco, participa dessa renovação do romance histórico, marcada pela consciência da ficcionalidade e pela tensão entre história e invenção.

Por tudo isso, a "estranha nação" que Scliar constrói – povoada de personagens históricos e ficcionais, ilustres e medíocres – ultrapassa a mera reconstrução do passado. Ela propõe uma reflexão crítica sobre os modos de narrar a história e sobre as múltiplas possibilidades de constituir identidades individuais e coletivas. Em última instância, o romance aponta para a necessidade de encarar o passado não como um depósito de certezas, mas como um campo vivo de interpretações e reinvenções, fundamental para a compreensão e a projeção do futuro.

Referências Bibliográficas:

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992*. México, FCE, 1993.

OLIVEIRA, Leopoldo. "A estranha nação de Rafael Mendes: ficção, história e reinvenção identitária da história". *Todas as Musas*, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 32-54, jul./dez. 2010.

OLIVEIRA, Leopoldo. *De uma Literatura de Imigração a uma Literatura Migratória: Breve Análise da Obra de Moacyr Scliar*. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências, 11, 2008, São Paulo. Anais, 2008.

QUINTÃO, G B. *Genealogia literária em A estranha nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

SCLIAR, Moacyr. *A estranha nação de Rafael Mendes*. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda., 1983.

TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.